

UNIVERSIDADE
FEDERAL DE
RONDÔNIA

CENTRO
INTERDISCIPLINAR DE
ESTUDO E PESQUISA
DO IMAGINÁRIO
SOCIAL



REVISTA LABIRINTO
ISSN 1519-6674
ANO XX
VOLUME 33
(JUL-DEZ)
2020
P. 244-265.

CIRCULAÇÕES MIGRATÓRIAS DE BOLIVIANOS PARA CIDADES BRASILEIRAS: DINÂMICAS, MOBILIDADES E MEDIAÇÕES IDENTITÁRIAS

Vanessa Generoso Paesⁱ

Professora Adjunta de História na
Universidade Federal do Acre (UFAC)

RESUMO

Este artigo analisa as experiências de deslocamentos de bolivianos para o Brasil a partir da articulação entre as redes afetivas desses imigrantes e entrevistas de suas histórias de vida. O eixo do presente trabalho centra-se nos processos de mediação de identidades entre duas gerações de imigração boliviana no interior de um clã familiar. Deste modo, os pertencimentos identitários e as trajetórias de vidas são compreendidas como heterogêneas, em trânsito, articuladas por zonas de contato e trocas culturais. As memórias das pessoas entrevistadas revelam campos de disputas, apontam ambiguidades que são mediadas pelos imigrantes nos contextos sociais das cidades. Aponta-se, assim, que a mobilidade é reflexo da ação do sujeito no espaço e no tempo e que transforma as relações sociais e a compreensão do processo de circulações migratórias nas territorialidades dos imigrantes.

Palavras-chaves: bolivianos; mediações culturais; imigração; identidades.

ABSTRACT

This article analyzes the experiences of displacement of Bolivians to Brazil from the articulation between interviews of immigrants' life stories and their affective social network. The main point of this article focuses on the processes of mediation of identities between two generations of Bolivian immigration within a clan. This way, identity belongings and life trajectories are understood as heterogeneous, in transit, articulated by contact zones and cultural exchanges. The memories of these immigrants reveal areas of dispute point out ambiguities that are mediated by immigrants in the social contexts of cities. Thus, this emphasises that mobility is a reflection of the subject's action in space and time, and this transforms social relations and the understanding of the process of migratory circulation in the territories of immigrants.

Keywords: Bolivians; cultural mediations; immigration; identities.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta aspectos do deslocamento de bolivianos para o Brasil a partir dos procedimentos da História Oral em sua articulação com a pesquisa de campo. O recorte temporal definido resulta da incidência do deslocamento descrito nas entrevistas – entre 1960 e 1990 – demarcando o período de maior mobilidade. Além disso, tal contexto aponta para os processos de flexibilização trabalhista e para as reformas políticas efetivadas pelo Estado, o que aprofundou uma subsequente perda de direitos civis da população boliviana. Esse contexto de insegurança – no qual muitos cidadãos bolivianos deixaram seus antigos territórios em busca de construir seus projetos de vida em outros lugares – mapeia uma nova cartografia social das populações na segunda metade do Século XX, redesenhando a paisagem nas cidades latino-americanas.

A opção em realizar uma pesquisa sobre imigração, a partir da metodologia da História Oral e da pesquisa participante, se fundamenta a partir das construções narrativas do conjunto de experiências das pessoas que imigraram na sua articulação com o trabalho de campo. Essa metodologia articula aspectos gerais da vida dos entrevistados e não pode ser pensada a partir de aspectos isolados da vida dos sujeitos porque abrangem dinâmicas sociais, políticas, culturais e religiosas das pessoas que narram suas histórias (MEIHY, 2005, p. 151).

Na compreensão de Thomson (2002), a imigração é um fenômeno complexo que pode gerar uma diversidade de pesquisas a partir da história oral, posto que o “testemunho oral e outras formas de histórias de vida demonstram a complexidade real do processo da migração e mostram como estas políticas e padrões repercutem nas vidas e nos relacionamentos dos migrantes individualmente, das famílias e das comunidades” (THOMSON, 2002, p. 344).

Outra questão que é analisada neste artigo é da organização familiar no interior do processo migratório. O recorte sobre o estudo de famílias justifica-se porque foram realizadas entrevistas com os integrantes de uma família de bolivianos e com sua rede social afetiva que residem em São Paulo. Em dado contexto, definimos por família uma estrutura relacional composta por indivíduos, que possuem entre si vínculos que geram comprometimento mútuo, ou propósitos comuns. Geralmente, o principal vínculo entre essas pessoas é consanguíneo, porém, nesta pesquisa, foram considerados outros elementos aglutinadores, tais como solidariedade, pertencimentos e projetos de vida. A intersecção da modalidade entre História Oral e estudo de famílias possibilitou ver além do agrupamento das histórias de vida dos indivíduos de um mesmo grupo, também, favoreceu o entendimento sobre como se moldam os mecanismos de identificação, mediação, negociação, negação e renúncias na relação com a cultura brasileira no interior de um grupo familiar (PERES, 1996); (OSMAN, 1998),

(NOVINSKY, 2001), (RIBEIRO, 2002) e (BARBOSA, 2009).

Neste trabalho, a imigração é compreendida como um processo que se realiza mediante a presença do imigrante

“aquele que realiza essa presença estrangeira e, correlativamente, o emigrante é aquele ausente que se encontra no estrangeiro. Dessa maneira, as duas ordens, a ordem da migração (ordem da emigração e a ordem da imigração) e a ordem nacional, estão substancialmente ligadas uma à outraⁱⁱ. A imigração e o seu duplo, a emigração, é a plataforma em que se realiza praticamente, no modo da experiência, o confronto com a ordem nacional” (SAYAD, 1998, p.266)

Esse movimento dialético que materializa a mobilidade das pessoas em seus deslocamentos é um campo de atravessamentos de questões locais, nacionais e internacionais no qual o imigrante é a agência que revela essas dimensões políticas e metodológicas do campo, em que os sujeitos em mobilidade colocam em xeque as dinâmicas de poder que atravessam o território, sendo as entrevistas com a comunidade de destinoⁱⁱⁱ, os documentos que possibilitam analisar essas dinâmicas no espaço.

A partir dessa articulação, pretende-se salientar as táticas empreendidas pelos sujeitos para burlar a reprodução das formas de poder mediante as práticas cotidianas (CERTEAU, 1994, p.101) nas quais os sujeitos empregam formas táticas de subversão aos poderes instituídos ao cozinham, ao lerem, ao lutarem, ao consumirem e, na presente pesquisa, ao deslocarem-se no espaço. Os imigrantes apropriam-se e manejam estratégias criativas de

vivências em outros países e no interior das relações sociais construídas nas redes pessoais de afetos, reinventando-se em outros territórios. É realizada, deste modo, uma costura sutil entre as entrevistas escolhidas para mapear a imigração do grupo estudado, centrando o objeto no apontamento das estratégias que estabelecem as regras e jogos pelos atores envolvidos no processo, além de destacar as táticas silenciosas que recriam o espaço marcado pela alteridade ao realizar uma ação no tempo da imigração, posto que a tática “tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas, consegue estar onde ninguém espera. É astúcia” (CERTEAU, 1994, p.101).

Parte-se da problemática de que as memórias dos imigrantes apresentam disputas no processo de adaptação cultural, revelando que a imigração tenciona as relações sociais e a compreensão dos processos que envolvem a imigração, sendo elas no campo intersubjetivo das relações familiares e nas mediações culturais que os sujeitos passam a construir nos territórios migrantes.

FRONTEIRAS E ATRAVESSAMENTOS

É importante salientar que o processo migratório implica estratégias que se iniciam com a viagem e suas formas de atravessamento. Na primeira metade do século XX, um número significativo de bolivianos deixou o seu país rumo ao Brasil pelo trajeto terrestre,

precisamente, por serem rotas menos dispendiosas se comparadas aos deslocamentos aéreos. Contudo, naquele período, em função da procura e do valor das passagens, houve um aumento da demanda de passageiros entre Brasil e Bolívia. As agências de viagens baratearam os custos das rotas aéreas, tornando-as mais acessíveis e fazendo com que o deslocamento por via aérea se convertesse em uma prática mais frequente.

Os primeiros relatos de imigrantes que chegavam a São Paulo, ainda nas décadas de 1950 e 1960, apresentavam as dificuldades enfrentadas por aqueles que não tinham condições de arcar com os custos das passagens aéreas e, com isso, vinham de trem e de ônibus até a cidade. Segundo o sociólogo Carlos Freire da Silva:

O fluxo migratório de bolivianos para a cidade de São Paulo teve início ainda a década de 1950. Neste período inicial, as características desta migração eram bem diferentes dos dias atuais. Os primeiros migrantes bolivianos eram estudantes que vieram completar os seus estudos e acabavam permanecendo na cidade, atuando como profissionais liberais. Muitos deles vieram por motivos políticos, devido às sucessivas crises governamentais e intervenções militares que o país passou nas décadas de 60 e 70, de forma que o perfil destes primeiros imigrantes é diferente do perfil dos imigrantes mais recentes, além de uma quantidade bem menos expressiva (SILVA, 2009. p.6).^{iv}

A viagem que hoje pode ser realizada em quatro ou cinco dias, anteriormente, demorava semanas, às vezes, tardava até um mês de ônibus. É necessário, em vista disso, apontar que a rota comumente escolhida por parcelas dos

bolivianos, para adentrar em solo brasileiro, é a da fronteira do estado do Mato Grosso do Sul, quando se destinam às cidades do Sul e Sudeste do país. Este trajeto é popular não apenas por motivos financeiros, em razão do baixo custo do deslocamento, mas também, por ser a rota mais próxima de cidades da Região Sudeste, principalmente São Paulo, onde uma grande parcela de pessoas segue para trabalhar no setor da costura. A partir do trabalho de campo, percebemos que esta não é a única rota de deslocamento de pessoas para as cidades fronteiriças do Brasil, já que o Estado de Rondônia, na região amazônica, por fazer fronteira com o Departamento de Beni no território boliviano, é também uma área de circulação de pessoas e de mercadorias. Nesta área de fronteira, localiza-se o município de Guayará-Merin, no Departamento de Beni (Bolívia), com Guajará-mirim, no Estado de Rondônia (Brasil). É uma área de livre comércio e de dinâmicas migratórias entre brasileiros e bolivianos que compram mercadorias para revenderem em ambos os territórios, caracterizando um espaço de trocas culturais e intensa movimentação na região transfronteiriça. (TRUZZI, 2012).

O município de Cárceres, pertencente ao estado brasileiro de Mato Grosso, que fica na região centro-sul do estado, nas mediações do Pantanal, fazendo fronteira com a Bolívia, é também um espaço de deslocamento de pessoas que advêm da Bolívia para o Brasil. Também há indícios de pessoas que escolhem a fronteira do

Brasil com o Paraguai, na região oeste do estado do Paraná, em Foz do Iguaçu, como rota de entrada, posto que essa é uma extensão de alto fluxo de pessoas, além de ser um espaço de livre comércio e área turística.

A problemática da fronteira é pensada como a de espaços primordiais para compreender o cenário e a realidade dos Estados latino-americanos. Nesse sentido, os espaços de fronteiras não delimitam os eixos norte e sul, interno e externo na construção dos estados nacionais durante o século XIX, assim como não delimitam apenas as fronteiras geográficas de um determinado território. As referências a estas também salientam diferentes concepções, dentre as quais, as que se referem às “fronteiras da civilização (demarcada pela barbárie que nela se oculta), fronteira espacial, fronteira de culturas e visões de mundo, fronteira de etnias, fronteira da história e da historicidade do homem. E, sobretudo, fronteiras do humano” (MARTINS, 2009, p.11).

A fronteira, neste sentido, é o lugar da alteridade, do conflito, da contradição, da violência e da zona de contato entre culturas e temporalidades. É importante mencionar que o estado cria, em alguns contextos, mediante aparatos políticos, barreiras físicas para inibir a livre circulação entre países, fazendo com que a fronteira exista como lugar da segregação social. Tais dispositivos se materializam em muros, cercas, faixas militarizadas de fronteira, zonas minadas e campos de recolhimento ou confinamento das pessoas (POVOA NETO,

2013). Também é necessário enfatizar que as fronteiras constituem parte do imaginário do interior e exterior nas fronteiras dos deslocamentos humanos.

Nestor Canclini (2006), ao estudar as configurações culturais de Tijuana na fronteira do México com os Estados Unidos, descreveu as novas formas de empréstimos, trocas, conflitos que os sujeitos estabelecem ao residirem e utilizarem os espaços de fronteiras para definirem as relações de pertença com as novas territorialidades. Canclini considera que para entender as identidades que circulam por esses locais, é necessário compreender como são estabelecidas as conexões com “as práticas sociais e econômicas, nas disputas pelo poder local, na competição para aproveitar as alianças com os poderes externos” (Canclini, 2006, p. 326).

Dessa forma, o olhar vertido para as entrevistas dos bolivianos e para as questões que se desenrolam em sua rota de deslocamento, possibilita a compreensão dos dilemas impostos pela travessia das fronteiras, assim como pela viagem, numa espécie de recorte claro da expressão das dificuldades enfrentadas pelos imigrantes em sua saga para as capitais brasileiras. De acordo com a entrevistada Lídia “Os ônibus era a condução daquele tempo e não era como de hoje, tudo era muito precário. Era uma coisa de cinco dias viajando por terra, embarcávamos no trem da morte e vinha.” (Lídia, entrevista realizada em abril de 2010 pela autora).

Apesar das dificuldades, a viagem passa a ser intercalada à aspiração de aventura da juventude, quase sempre disposta a enfrentar todos os problemas para atingir os anseios de conhecer novos países e cidades. Lídia parte para São Paulo sem saber o que encontraria, sem o planejamento necessário de uma viagem ao exterior. No entanto, ela não partiu com um projeto de imigrar para outro país, e sim numa colônia de férias junto a seus amigos de escola para conhecer São Paulo, e a princípio, não imaginava que ficaria tanto tempo. Outras pessoas, diferentemente, fizeram o mesmo trajeto, mas com objetivos de permanência, tanto a médio quanto a longo prazo. Assim, ela descreveu a viagem:

Vimos para o Brasil em março de 1963. Todo mundo veio no tempo de férias direto para São Paulo, alguns trouxeram documentos e outros não. Olha a aventura, nem nos lembramos de levar os documentos porque nessa época não pediam, entrávamos no Brasil sem documentos, e adolescente cheio de folia. Sei que fiz vinte e dois anos dentro do trem chegando em Corumbá. Meus amigos tinham na faixa de vinte, dezenove, vinte e dois, vinte e um anos. Chegamos a Corumbá e continuamos de trem até São Paulo e naquele tempo o trem ainda adentrava na Estação da Luz. (Lídia, entrevista realizada em abril de 2010)

A viagem é vista como uma aventura do porvir, na qual todas as dificuldades são postas em segundo plano. Lídia descreveu a experiência da descoberta, e em sua narrativa, o trajeto lhe gera o sentimento de encontro com o novo. A paisagem nunca vista anteriormente descreve, para ela, o sabor do desconhecido. Aventura e risco são duas perspectivas que circunscrevem a

experiência do grupo do qual Lídia fazia parte, uma vez que seus professores tinham entrado em contato com uma *patricia* que iria hospedá-los no bairro de Higienópolis. Ficou tão encantada com a cidade e com as possibilidades que tal espaço poderia oferecer ao seu espírito de juventude que resolveu permanecer – contrariando a vontade da mãe – e arcou com as interdições de trabalho que a capital oferecia na década de 1960.

Cinquenta anos passaram, e o trajeto mais escolhido para se chegar ao Brasil continua a ser de ônibus e trem. Passaram-se anos e as condições de deslocamento melhoraram. É importante ressaltar que uma empresa de ônibus, percebendo o lucro que o deslocamento de pessoas tem no percurso da fronteira do estado de Mato Grosso do Sul até a cidade de São Paulo, implantou uma linha que faz o deslocamento do Rio de Janeiro até a cidade de Corumbá, passando pelo guichê da Polícia Federal na fronteira, e chegando ao seu percurso final em Puerto Suarez, já em território boliviano. Lídia descreve as mudanças ocorridas no tempo:

Atualmente, você viaja para Bolívia por terra, embarca na Barra Funda, digamos, meio dia, tem até um ônibus chamado Companhia Cruzeña que é da Bolívia; também existe uma agência brasileira chamada Andorinhas que vai até a fronteira de Corumbá com a Bolívia. Ao chegar em Corumbá entra na fila para passar na Polícia Federal para ver os documentos, liberam você para pegar o táxi, você compra a sua passagem de trem em Puerto Quijarro e às dezessete horas você segue com destino a Santa Cruz na Bolívia. No dia seguinte já está em Santa Cruz por volta das sete horas da manhã. Hoje em dia tudo mudou e não

está complicado fazer essa viagem como era antigamente. (Lídia, entrevista realizada em São Paulo em abril de 2010)

As complicações relacionadas ao deslocamento durante as décadas de 1960 e 1970 foram amenizadas devido aos investimentos de infraestrutura empregadas tanto pelo governo brasileiro, quanto pelo governo boliviano, nas respectivas estradas de seus países. Além dos atributos relacionados à infraestrutura, é importante salientar o empreendimento de novas rotas de empresas de ônibus na fronteira de Corumbá, devido ao crescente número de pessoas que começaram a se deslocar para cidades brasileiras no transcorrer da década de 1990, com a abertura de novas frentes de trabalho no campo têxtil brasileiro. Além disso, importa dizer que as áreas de fronteiras, como a de Corumbá, são caracterizadas por intenso fluxo de mercadorias e de pessoas, interessadas em adquirir produtos vendidos com preços acessíveis, já a taxas alfandegárias encarecem o valor da mercadoria, como percebidos por STEIMAN.

É consensual na literatura especializada que a presença de um limite internacional provoca uma série de efeitos sobre a sua área imediata, cuja extensão é difícil determinar. Cientes desses efeitos, alguns Estados criaram territórios fronteiriços sobre os quais incidem regras diversas de uso do solo, circulação de pessoas e mercadorias e composição do capital de indústrias e empresas ligadas ao setor primário. Esses territórios, chamados doravante de faixas de fronteira, usufruem muitas vezes de privilégios fiscais e, no caso brasileiro, foram alvo de diversos projetos de colonização e povoamento que visavam assegurar o seu controle (STEIMAN, p.1).^v

Na contramão da idealização do percurso, Jenny Caballero descreveu sua rota de viagem para o Brasil dando ênfase aos aspectos da sua consternação relacionados às más condições da rodovia, ao calor do trópico, aos problemas de locomoção do ônibus e às dificuldades enfrentadas durante a viagem. A discordância do relato revela um ponto significativo da contradição em diferentes relatos.

Vim para o Brasil de ônibus, foram quatro dias de viagem e foi horrível. Na verdade foram quase cinco dias na estrada, sentada dentro de um ônibus e tudo é horrível! Dói o pé, dói a cabeça, dói às costas, você passa fome e não pode comer com gosto porque tem outras pessoas do lado te olhando. O caminho até a fronteira, grande parte do trajeto, é percorrido por terra; você não consegue dormir porque faz barulho e o ônibus se movimenta muito, a viagem não é tranquila, e acho que é para jovens aventureiros. Agora, depois da fronteira do Mato Grosso do Sul tudo fica mais bonito, gostei muito desse trecho. (Jenny Caballero, entrevista realizada em São Paulo em 2011)

250

A desconstrução idealizada da natureza no transcorrer do trajeto demonstra que não há harmonia nas esferas percorridas pelos entrevistados, o domínio da aventura existe apenas para alguns que se reconhecem como ousados e que gostam de viver a adversidade dos momentos. Para outros, o itinerário da viagem não passa de um realismo tedioso que se prolonga no tempo, como indicado pelas condições do transporte terrestre. Depois que atravessam a fronteira, as condições transbordam para outros itinerários. O que se observa é o Pantanal sul mato-grossense, antes desconhecido por alguns, e estes, então, passam a apreciar a nova paisagem e suas diferenças.

TRÂNSITO DE IDENTIDADES E OS ABRASILEIRAMENTOS FAMILIARES

A Bolívia passou a partir da década de 1950, por decorrentes golpes militares. O ano de 1964 foi marcado por novo ciclo de governo militar que perdurou até 1982 e as reformas realizadas durante o período anterior foram presenciadas no cotidiano da população. Mota (2009) argumenta que ao contrário dos outros governos militares na América Latina, o período ditatorial na Bolívia foi de continuidade política, devido à postura de aproximação que o governo estabeleceu com os trabalhadores rurais organizados em sindicatos como forma de controlar as ações populares dos movimentos de base. Um dos acontecimentos que marcou esse tipo de política foi o Pacto Militar Camponês (PMC), em 1970, que visava à subordinação do movimento indígena ao Estado, mas os movimentos indígenas tentaram reapropriar-se das identidades originárias dos grupos étnicos e ganharam espaço. Nesse contexto, surgiu o movimento katarista, como tentativa de recuperar a força do antigo líder Túpac Katari.

Mota (2009) avalia que duas características marcaram o período de governo de René Barrientos, em 1979, que dominava a língua quéchua e detinha boa relação com os líderes dos movimentos indígenas. O primeiro fator foi o favorecimento das elites políticas de Santa Cruz da La Sierra, o que deixou conflitos regionalistas, existentes até hoje na Bolívia,

guiando os interesses das elites econômicas e políticas locais. O segundo fator foi o Massacre do Vale, em janeiro de 1974, quando o presidente ordenou o combate ao movimento quéchua, que até aquele momento foi aliado ao governo.

O processo de retomada democrática na Bolívia foi acompanhado por reformas neoliberais pautadas na privatização das instituições Estatais e alinhamento com a política externa dos Estados Unidos, o que caminhou na contramão das propostas dos movimentos sociais e dos movimentos indígenas. O curso da redemocratização, que vai de 1985 a 1993, quando o presidente Víctor Paz Estenssoro (1985-1989) e Jaime Paz Zamora (1989-1993) governaram, foi estabelecido com propostas que delineavam para reorganizar as instituições políticas do Estado. O desafio que se colocava para o governo era como consolidar o Estado democrático de direito, pluripartidário, com alternância de poder e inclusão política de todos os segmentos sociais, sob o prisma das reformas neoliberais, mostrando as contradições do período. No entanto, aumentaram as pressões sociais no decorrer dos anos 1990, visualizadas na “Marcha por Território e Dignidade”, organizada pelos grupos originários da parte oriental, sucesso que fomentou a discussão sobre a diferença étnico-cultural, não como um problema indígena, e sim como uma problemática do Estado-nação.

Durante a década de 2000, mudanças gradativamente movimentaram a esfera política do país, bem como as áreas econômica, social e

cultural, propondo a renovação das esferas políticas da Bolívia, ao promover críticas e deslocamentos referentes ao problema do racismo e da discriminação étnica na esfera pública, indicando, assim, o reconhecimento da diversidade cultural e a participação política dos setores sociais historicamente excluídos. Entretanto, a superação sustentável do crescimento econômico, da precariedade do emprego e a baixa cobertura de proteção social para a população, são algumas das questões enfrentadas pelo governo de Evo Morales (2006-2019), para mobilizar estratégias de desenvolvimento econômico e social que possibilitem criar políticas de promoção de empregos e melhorar a redistribuição dos recursos públicos no território.

Deste modo, após a contextualização da cena política do período que antecede os processos migratórios de bolivianos, o olhar investigativo é direcionado para entrevistas em suas articulações com o contexto etnográfico da pesquisa de campo. Neste tópico pretende-se apontar os processos de negociações de identidade (HALL, 2003) que ocorrem dentro de uma família boliviana constituída em São Paulo, a família Patzi, para que, sejam percebidas as áreas flexíveis em que as relações de pertencimento são acionadas e detectados os campos duros de negociação que enfrentam e pontuar as resistências no interior de um clã familiar.

A colaboradora Marta, boliviana e filha de boliviano, formou, em São Paulo, uma família

brasileira com Marcos, também boliviano. Ambos chegaram no Brasil durante a década de 1960. Dessa união nasceram quatro filhos, porém antes de casar, ela teve um relacionamento com um brasileiro, com o qual teve sua filha mais velha, mas a relação, segundo a narradora, não deu certo.

Nessa época, conheci o Marcos e fiz família. O conheci solteiro, livre e independente feito um passarinho... Nos juntamos e pronto, tivemos uma filha, dois, três; hoje estão todos adultos, incentivamos a estudar, tanto que os cinco são universitários. Agora eu estou com sessenta anos e ele com sessenta e sete. Ultimamente a gente anda na pastoral, anda sempre com patrícios, a vida mudou bastante. Ele veio para o Brasil jovem, com vinte anos... A vida dele foi dura. Porque ele veio com amigos, não veio como o meu pai, que veio com a família. Ele fala assim: "Acabei ficando por alegre, porque a minha pretensão era sempre voltar." Ele pensava em voltar. No fim, acabou fazendo família e ficando por aqui. E agora não sei como será daqui para frente. (Marta, entrevista realizada em São Paulo em 2010).

O sentimento de conquista expressado por Marta se manifestou ao falar dos seus filhos e da relação que teceram com a cultura brasileira: todos foram criados com regras familiares e sociais da tradição boliviana, mas também desenvolveram laços com instituições brasileiras como a universidade, pois todos finalizaram os estudos universitários e três deles ingressaram na Universidade de São Paulo, símbolo regional de prestígio e poder. Apesar de Marta e Marcos não terem finalizado os estudos, os critérios escolhidos pela família para educar, ensinando o respeito aos mais velhos e ao mesmo tempo negociando elementos da cultura brasileira, fez de seus filhos a continuidade que

superou os conflitos da primeira geração da migração, tornando-os sujeitos que galgaram uma educação formal que os qualificou ao disputado mercado de trabalho brasileiro.

Nesse contexto, segundo o historiador Jeffrey Lesser (2001), o processo de negociação das identidades de sírio-libaneses, chineses e japoneses em São Paulo foi complexo e perpassou todas as esferas da sociedade, de sorte que

à medida que os imigrantes coreanos e chineses ascendem na escala social e impulsionam a integração de seus filhos por meio da educação universitária, uma feia anedota começa a circular entre a elite de São Paulo: “para conseguir uma vaga na Universidade de São Paulo, você tem que, primeiro, matar um japonês”. Para os descendentes de coreanos e chineses, as negociações sobre o que significa vir a ser brasileiro já estão em curso. (LESSER, 2001, p. 295).

As classes médias e altas da sociedade brasileira, para reconhecer as identidades tidas como “minoritárias” de povos não europeus, precisam fazer com que seus filhos saiam da condição de empregados autônomos e passem a ocupar também os postos de trabalho liberais, comumente ocupados pelos filhos da burguesia brasileira, bem como cargos políticos no Estado para que suas identidades sejam reconhecidas pelos nacionais.

eu não deixava eles em balada; eu não deixava eles em rodinha em porta de escola; eu não deixava eles irem para cinema – tudo era estudar, estudar. Por isso, acho, que eles acabaram entrando para a USP (Marta Patzi, entrevista realizada em São Paulo em 2010).

O pai de Marta, o boliviano Victor Patzi, chegou a São Paulo com os três filhos bolivianos: Marta, Demétrio e Angélica. Depois de um tempo ele casou-se com a mineira Aparecida e foi residir no bairro João XXIII, na zona oeste de São Paulo. Dessa união nascem duas filhas brasileiras: Arlete e Haidee que tinham idades para serem filhas de Marta. Assim, gerou-se uma segunda geração de filhos dentro da família que até então era composta por bolivianos e que tinha como regra viver com os vínculos da cultura boliviana. Dado o fato do casamento e o surgimento de outros filhos, novos laços afetivos foram construídos e com a reconfiguração da família, os processos de negociação foram postos à prova.

253

O meu pai chamava-se Victor e seu primeiro casamento foi com a Dona Hilda, ainda na Bolívia. E dessa união nasceram três filhos: Marta, Demétrio e Angélica. O segundo casamento foi no Brasil. E sou filha da segunda união do meu pai com uma brasileira, mais precisamente com uma mineira chamada Aparecida, natural de Toledo, em Minas Gerais. Sendo que uma parte de sua família havia migrado para Jundiaí, São Paulo, coisa que descobri há pouco tempo. (Arlete, entrevista realizada em São Paulo em julho de 2010)

Após a união do patriarca da família Patzi com uma brasileira, as divergências e os processos de negociação de identidades foram acionados pelos membros da família que, a princípio, não aceitavam as mudanças sofridas na dieta alimentar, pois a base dos condimentos e os modos de preparo dos alimentos eram, antes, bolivianos. Negociar implica uma relação de troca, como também de negação, além de

espinhosas relações de poder. Nesse momento, quem teve de acatar as regras foi a esposa brasileira em relação à família que fora constituída segundo os moldes bolivianos.

O dinheiro que ele ganhava com as fotos pagava e mantinha o terreno. Em uma dessas viagens conheceu a minha mãe, creio que ela deveria ter uns trinta anos. Gostaram-se e resolveram casar em uma igreja em Aparecida do Norte. Como o pai era bem mais velho do que a mãe, costumavam brigar muito. Quando ela veio para São Paulo morar aqui no João XXIII, era uma mulher bem mirradinha, magrinha; mas eu nasci bem gordinha. A mãe teve duas filhas: eu e a Haidee. A Angélica, a Marta e o Demétrio eram todos adolescentes nessa época. A Marta tinha uns dezoito anos, a Angélica devia ter quatorze anos e o Demétrio uns quinze anos, na média. Os três eram bolivianos, comiam comida boliviana e tinham hábitos bolivianos. (Arlete, entrevista realizada em São Paulo em julho de 2010).

As mudanças e a partilha não aconteceram somente do lado brasileiro da família Patzi. Em virtude da construção de pequenos apartamentos no terreno do João XXIII, que eram subalugados pelo senhor Victor aos brasileiros – em sua maioria imigrantes nordestinos –, foi se modificando a postura rígida da família boliviana e os comportamentos acionados da porta de casa para fora foram se flexibilizando. As negociações no interior da família também passavam por análises de pertencimento, para ver até que ponto as pessoas podiam modificar suas práticas.

O pai sempre foi uma pessoa muito presente. Nessa época de criança, ele era mais bravo, não deixava a gente fazer um monte de coisas, pois ficávamos com medo, mas acho que ele teve uma transformação muito grande com o passar dos anos porque sofreu uma influência da cultura brasileira. Foi

mudando e aceitando as pessoas. Como começou a construir as casas e a ter inquilinos, as alugava. Com isso, teve a proximidade de outras pessoas e a maioria das pessoas que iam morar lá eram da Bahia. Assim, a cultura baiana é outro tipo de cultura e as pessoas eram mais alegres, se cobravam menos. Acho que tinha mais aquela coisa da proximidade, de você chegar perto, de sorrir, de falar mais à vontade mesmo, não tinha aquela coisa tão presa, tão interiorizada. Logo que a minha mãe faleceu, lembro-me que o pai ficou muito triste, todos ficamos muito tristes com a perda da minha mãe, eu, Arlete, toda a nossa família. (Haidee, entrevista realizada em São Paulo em agosto de 2010).

Um dos valores culturais menos permeáveis por mudanças foram os transmitidos como educação para os filhos. A disciplina, o respeito à memória familiar e aos mais velhos e as condutas morais foram os valores elencados pelos filhos brasileiros dessa família.

254

O meu pai ajudou muito a Dona Deusira, ela era baiana. Foi uma dessas pessoas que começou a entrar na minha casa, uma família anteriormente fechada. O meu pai não deixava a gente se envolver com ninguém, sair, não vinha gente que não fosse da minha família ou que não fosse boliviano, era meio fechado. Então, com essa história, o meu pai que estava triste com a perda da minha mãe, e ela que também perdeu o marido. E o pai sempre foi uma pessoa de ajudar as outras; mas antes ele não se envolvia tanto. (Haidee, entrevista realizada em São Paulo em agosto de 2010).

Assim como o patriarca foi modificando suas relações sociais, saindo e partilhando de momentos de festas com brasileiros, seus filhos também aprenderam a mediar situações sociais. Haidee, a caçula da família, é tida como uma pessoa alegre, festeira, animada; características reverenciadas no imaginário popular como brasileiras. Talvez seja essa diferença de

comportamento que os membros mais velhos da família consideram diferentes dos comportamentos mais “tradicionais”.

A herança educacional, o gosto pelos estudos, princípios que foram passados para as gerações dos filhos brasileiros. Percebe-se que o processo de transferência de ensinamentos culturais é uma dura área de negociação, mas, aos poucos, a comunicação, a presença da diferença brasileira foi adentrando no interior dos laços afetivos e modificando as posturas ideológicas na família Patzi. “Transformar” passou a ser um verbo utilizado por todos os entes familiares.

Devo o que sou ao meu pai, sabe? A educação que tenho. Às vezes é tão engraçado... Como o pai era boliviano, a sua cultura é muito reta, certinha. Para ele tudo tinha que ser correto – ser educado, saber ouvir, ter higiene, são detalhes que são passados para gente e que aprendemos a dar valor. Esses valores foram passados por meio do meu pai e da minha irmã Angélica que é boliviana também... Eram culturas distintas. A gente era educado, acreditávamos que era muito mais importante estudar, levávamos isso muito a sério; respeitar pai e mãe... Isso são coisas que vêm da cultura; não estou falando que seja só boliviana, mas no caso do que foi passado com a gente, e a minha família foi muito importante para a construção dos valores. [...] Ele trouxe muita felicidade, muito ensinamento... Essa transformação que ele teve fez tão bem para ele. Acho que tem gente que passa uma vida inteira e não se transforma. Ele não, conseguiu se transformar numa pessoa muito melhor. (Arlete, entrevista realizada em São Paulo em julho de 2010).

Os filhos e os netos de Marcos e Marta são brasileiros, com hábitos abasileirados. Sentindo um pouco de culpa, Marcos disse que todos falam português e que não procuraram

aprender a língua espanhola, mesmo sabendo que alguns traços físicos e psicológicos são tidos como “marcas” bolivianas. A negociação das identidades bolivianas na esfera familiar de Marta é vista como mais flexível, uma vez que os próprios pais passaram por processos de negociação cultural ao chegarem ao Brasil. Os filhos que estudaram em escola brasileira e que, por sua vez, não viveram o sincretismo religioso do catolicismo andino, não aprenderam a falar espanhol, transformaram sua pertença cultural associada ao modo de vida brasileiro. Pode-se dizer que a segunda geração da imigração passou por mediações de identidades movedoras em suas constituições de sujeitos:

Os meus filhos não herdaram a cultura boliviana, pois construí família aqui. Quando casei, a gente já falava português. A minha esposa, Marta, também falava português e os meus filhos não aprenderam o espanhol. Com isso, os filhos começaram a falar português. Eles nasceram no Brasil, com o português, e quase não falam castelhano. Entendem, mas acho que não falam, muito menos Aymará. Eles dizem que não entendem nada. Agora, o traço físico eles herdaram. Talvez a tendência, o espírito... Com todos os imigrantes deve ser a mesma coisa. O português deveria herdar alguma coisa do português, quem descende de inglês deve herdar alguma coisa, mas, em geral, tudo é Brasil. Acho que quem nasceu aqui é diferente, aquele que nasceu na Bolívia deve ter passado pelo mesmo processo de formação. (Marcos, entrevista realizada em São Paulo em 2010).

Deste modo, foi constatado, por meio do conjunto das entrevistas, que as relações de pertencimento cultural são negociadas (HALL, 2003) desde que não ultrapassem a esfera das tradições das famílias. Existem esferas da cultura

boliviana nas quais há campos duros de negociação, pois há uma resistência dos grupos mais velhos em perderem os laços com a memória da “tradição” boliviana que, por sua vez, é instituída por práticas educacionais, morais e religiosas. A seguir é mostrado como acontecem as disputas de memória na esfera da “comunidade boliviana” em São Paulo.

A DISPUTA EM TORNO DAS MEMÓRIAS

A disputa em torno das memórias e as mediações no contexto da imigração perpassaram todas as entrevistas realizadas nesse estudo. No entanto, foi no plano das práticas cotidianas que foram percebidas a negação e a afirmação ao redor da pertença cultural de uma determinada comunidade. Foi no nível alimentar, no religioso, e no das práticas cívicas, a maior eclosão da memória nacional boliviana, o que demonstrou, assim, a simbologia aceita e tida como inquestionável pela comunidade dos imigrantes bolivianos que estão no Brasil há mais de quarenta anos. Nesse contexto, foram se caracterizando os campos de negociação dos pertencimentos, das trocas e dos empréstimos culturais permitidos e agenciados com a sociedade brasileira. Isso pode ser visto nos relatos:

Naquele tempo eu já estava há mais de vinte anos no Brasil e não comia a comida boliviana. Quando alguém ia para lá: “Ah! Você vai trazer isso para mim, traz aquilo para mim”. Eu lembro de uma vez, quando fiquei grávida do meu terceiro filho, fiquei com vontade de comer *papalicia* que é uma batata especial. E essa batatinha tem vários

pontinhos vermelhinhos, parece sardentinha. A batata tinha o cheiro de terra molhada, ficava com água na boca, pegava um punhado de terra na mão, isso grávida, fuçava a terra para sentir aquele cheirinho. Fazia de conta que eu estava comendo aquela batatinha. Eu dormia e sonhava que tinha alguém vendendo cozido com batata, olhava para os lugares e via batata, olhava a rua Consolação e via alguém vendendo batata e pensava: “Nossa, ali tem uma mulher vendendo, eu vou comprar!” Acordava comprando batata. Aí um dia viajou um patrício e falou: “Estou indo para a Bolívia.” “Aí! Pelo amor de Deus, você traz batata para mim, nem que seja uma, nem que seja um quilo, uma na bolsa. E quando você voltar você chega aqui em casa, não vai para o outro lado, vai trazer pão também”. [...] O pão feito na Bolívia é diferente, a massa é diferente, é branquinha. “Não vai chegar bem o pão, em véspera de viagem.” “Não faz mal, pode chegar verde, mas eu quero esse pão.” (Marta Patzi, entrevista realizada em 2010 em São Paulo)^{vi}.

No excerto é perceptível que a associação 256 à Bolívia andina perpassa os sabores e tipos alimentares dos sujeitos. O tipo de batata ao qual Marta se refere é típico das regiões andinas, onde o valor atribuído à variedade de batata é grande, uma vez que as batatas, em especial, são desidratadas a temperaturas baixíssimas e depois guardadas para consumo em diferentes ocasiões. Esse método foi uma adaptação alimentar desenvolvida pelos povos indígenas do altiplano boliviano para conseguirem se alimentar durante o inverno rigoroso das altitudes. A memória relacionada aos tipos específicos de batata que brotam das altitudes e aos pães que são produzidos na Bolívia desempenhou a função de memórias que resistem à negociação, pois a narradora estaria, então, negando um dos valores que lhe é familiar: o respeito pela memória indígena que travou batalha para se manter viva

perante a colonização espanhola nos Andes. Com relação aos pães, é sabido que, atualmente, são consumidos pelos bolivianos que vivem na capital paulista, porque já existem muitos produtores de pães típicos, comercializados, principalmente, na praça Kantuta em São Paulo.

Lembro que quando iniciaram as festas eram poucas pessoas que frequentavam, não existia essa aglomeração. Parece que os bolivianos não saíam muito de casa para que um pudesse se relacionar com o outro. Depois de um tempo, com os filhos, a coisa mudou, foi abrangendo mais, os próprios filhos passaram a fazer parte de grupos folclóricos para dançar e as festas deixaram de ser mais restritas. A minha mãe não participava muito desses eventos, a não ser na organização das festas na Pastoral do Migrante. Lembro de ela sair com as amigas, amigos, mas era uma entre eles. Acredito que seja bom para eles, pois resgata e eles podem estar vivenciando a cultura. E nesse dia da festa eu expliquei para o meu filho: “Olhe, é assim, tudo tem o seu significado, eu não sei tudo. Eu sei um pouco.” (Míriam, entrevista realizada em Campinas em agosto de 2010).

Segundo Míriam, filha mais velha de Marta e Marcos, as festas em homenagem à Virgem de Copacabana e à Virgem de Urcupiña, são a expressão máxima de uma tradição religiosa que é mantida pela comunidade boliviana de São Paulo e que cresce a cada ano em virtude do número de pessoas que participam e privilegiam a festa, incluindo não só bolivianos, mas também brasileiros, o que demonstra a construção de processos identitários que apontam para a criação de uma comunidade (HALL, 2003)^{vii}, mesmo que imaginada (ANDERSON, 2008), que luta por uma maior participação na sociedade brasileira, adentrando nos espaços públicos da cidade. A festa deixou

de ser realizada no espaço da Pastoral do Imigrante na região do Glicério e atualmente ocorre no Memorial da América Latina, na Barra Funda. O número de participantes cresceu e é cogitada, atualmente, a necessidade de outro espaço público para abarcar as duas maiores festas da comunidade.

Quando acabou a missa, o padre Mário falou: “Hoje tem um almoço que os chilenos estão preparando e não sei se vocês querem ficar para almoçar.” Eu nunca havia almoçado lá porque como a missa era realizada nesse quarto, acabava e ia embora. Porém, quando o padre falou dentro da igreja aí disse: “Matilde porque nós não ficamos para almoçar? Eu quero ficar para ver como é.” Ficamos e havia duas chilenas, uma delas chamava-se Luz e a outra era a Gimena, que mudou e mora em Curitiba. Naquela época havia uns bancos do lado de fora da Igreja onde ficávamos sentadas almoçando. As chilenas se aproximaram e disseram: “Vocês não querem cozinhar pela Bolívia?” Eu falei: “Se ela se animar para cozinhar eu ajudo, agora, eu sozinha não. Matilde, você quer?” Ela aceitou. “Eu faço sim.” Foi daí que começaram os almoços com pratos da Bolívia na Pastoral, aos domingos. (Ema, entrevista realizada em São Paulo em novembro de 2009.).

257

A colaboradora Lídia, frequentadora da Pastoral do Imigrante, relatou a existência de uma gama diversificada de comidas para cada estado boliviano e que há outras comidas que não são feitas nas festas públicas em função do trabalho que requerem e do custo financeiro para realizá-las:

Na Bolívia temos um modo de cozinhar um prato típico, na minha cidade chama-se *marradito*. É um arroz com charque, banana frita e uma salada e um ovo frito. Sei que fazem isso no Rio Grande do Sul, mas é totalmente diferente. Tem outro prato chamado *turguré*, é um creme de milho que se come com leite de manhã na hora do café.

Tudo pode faltar, menos isso. É uma delícia! La Paz tem suas comidas típicas, Cochabamba, Oruro, Potosí, Tarija também. Cada cidade tem, mas eu não sei fazer. Esses pratos não são feitos nas festas realizadas na Pastoral do Migrante; dependendo da cidade que irá cozinhar, os pratos mudam. Não me atrevo a cozinhar para muita gente porque erro a mão. Às vezes o pessoal fala: “Lídia, faz um marradito.” “Não, não. Tem que fazer para muita gente e eu nunca cozinho, pois só cozinho para um máximo de dez pessoas. Tem vezes que convido oito pessoas, cinco pessoas e é diferente. Cozinhar para 180 pessoas, 200 pratos é muita coisa. Eu não prometo fazer, eu prometo ajudar.” (Lídia, entrevista realizada em São Paulo em abril de 2010).

É sabido que as misturas de ingredientes e condimentos são uma premissa forte na cozinha de diferenciadas classes sociais, e quando é feita referência a processos de negociação, a dieta alimentar também está inclusa, mas o que se tenta especificar é que por mais que essas pessoas tenham se deslocado no espaço e aprendido a falar o português, entendendo a cultura brasileira, certos hábitos culturais não foram deixados para trás. Há uma recriação, adaptação e até mesmo uma ressignificação entre culturas para que a memória da tradição consiga manter sua circularidade.

Procuro continuar com alguns hábitos, como tomar chás bolivianos, mate de coca, pois serve para muitas coisas. Quando sentimos dor de barriga tomamos mate de erva doce ou mate de anis, como é conhecido na Bolívia. O chá de folha de coca é bom para dor de barriga e quita o cansaço. Ele dá mais força e inibe o sono. Também mastigamos essa erva como se fosse um chiclete para mantermo-nos acordados. É um hábito cultural tomar chá. (Maria, entrevista realizada em São Paulo em maio de 2010).

Uma dessas práticas sociais dos

bolivianos é tomar o chá da folha de coca. Nas regiões andinas compostas pelo Peru, Equador e Bolívia toma-se chá da folha de coca para aliviar o mal-estar ocasionado pela altitude e pelo cansaço físico e mental, mas também, toma-se esse chá em rituais de cunho sagrado nas regiões indígenas do altiplano boliviano. Maria, acima, descreveu a cerimônia em sua casa.

O povo boliviano gosta de beber muito. Na Bolívia tem muitas crises econômicas, mas também tem bastante festa. Para fazer festa sacam dinheiro de não sei onde, mas para outras coisas não têm... Toda semana tem uma festa, cada mês é uma festa. Normalmente é o alto pazeño que faz mais festas, do departamento de La Paz. É muita festa! Se morrem fazem festa, se casam é festa, nascem é festa, tudo é festa. Para tudo se faz festa; amanhã tem um aniversário de 15 anos de um boliviano, estão trazendo duas orquestras, dois conjuntos para tocar na festa, vão comprar 100 caixas de cerveja. As festas são grandes e é muita bebedeira. Faz parte da cultura beber até cair. (Ilfredo, entrevista realizada em São Paulo em fevereiro de 2010).

258

Nas festas religiosas, bebidas e comidas são servidas em grandes proporções. É comum, em festas cívicas, a circulação de grandes quantidades de bebidas, inclusive cervejas, para celebrar a data ou o santo homenageado. Foi percebido durante a investigação da visita a um desses festejos, no clube Tiradentes na cidade de São Paulo, o uso de numerosas caixas de cervejas para a celebração de uma noite. Segundo um dos colaboradores da pesquisa, quando sobram cervejas, os integrantes das festas organizam-se em outros momentos para beber o que restou. Foi percebido, deste modo, que as mediações culturais e as ressignificações

das tradições bolivianas permeiam as esferas privadas e públicas dos sujeitos da mobilidade na metrópole migrante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pensar a dinâmica migratória dos imigrantes bolivianos para o Brasil é importante o apontamento para as antigas matrizes explicativas da imigração, que entendiam tais processos como dinâmicas entre um ponto de partida (lugares impulsores) e pontos de chegada (lugares de destino), uma vez que estas já não conseguem explicar os pormenores dos percursos migratórios da América Latina nem a imigração entre os países do Sul e do Norte, visto que tais fluxos possuem um caráter circulatório e de articulações de redes locais e globais que agenciam pessoas, bens, fluxos como imperativos da modernização contemporânea (TARRIUS, 2000, p. 40). É possível, então, observar que as imigrações/emigrações atuais inauguram um debate que atravessa as fronteiras do Estado-nação ao proporem que tais práticas sejam pensadas como transnacionais, transfronteiriços, em que os processos compõem uma agenda nas quais os sujeitos da mobilidade buscam uma certa autonomia para construir seus projetos de vida, mesmo que seja interior de um espaço atravessado por políticas de exclusão e controle populacional na esfera do Estado.

Os estudiosos da imigração têm enfatizado a importância dos laços de solidariedade que compõem as redes de contato

dos imigrantes, já que estas articulam rotas, indicações de trabalho, projetos de acolhimento nos espaços de inserção destes sujeitos no mercado de trabalho – formal e informal – nos países de circulação dos migrantes. De tal forma, a “circulação migratória constrói relações multilocalizadas que atravessam as fronteiras^{viii} do Estado-nação. As mobilidades delineiam um espaço social que se sobrepõe a essas fronteiras, fazendo emergir territórios autônomos em relação aos Estados, e dando origem a formas sociais particulares e diversificadas” (PERALVA, 2007, p.17).

Nessa vertente teórica sobre a imigração, Alfonso Hinojosa Gordonava (2009) aponta que na Bolívia, a perspectiva cultural e o deslocamento interno, preexistente ao processo colonial dos povos andinos, acionam a “movimentaram uma cosmovisão espaço-cêntrica que se manifestava em sua permanente mobilidade e utilização de diferentes espaços geográficos, de tal maneira que as imigrações foram uma invariável em suas práticas de sobrevivência e reprodução social” (2009, p.18. tradução da autora). Deste modo, o pesquisador estabeleceu sua perspectiva ao apontar que a migração boliviana tem raízes estruturais da sociedade boliviana, uma vez que não é um acontecimento da história do século XX, posto que tal processo passou por movimentos históricos, obedecendo diferentes dinâmicas grupais. Além disso, essa matriz cultural dos povos indígenas permeia, de alguma forma, os argumentos dos bolivianos entrevistados nesta

pesquisa, ao afirmarem os seus vínculos religiosos em processos culturais ativados pelas memórias em torno de um passado comum e em suas comemorações familiares a cidade.

Há uma prevalência de uma migração laboral, mesmo que existam diferentes explicações sobre as imigrações. Os principais países escolhidos como destino dos bolivianos é a Espanha e os Estados Unidos; na sequência estão os países da América do Sul, como a Argentina, que tem uma presença centenária de bolivianos que são atraídos para o trabalho no campo – plantação e colheita de frutas e verduras – além do trabalho no setor da costura em Buenos Aires. Por sua vez, o Brasil e o Chile foram uma escolha do passado de um contingente significativo dos bolivianos (HINOJOSA GORDONAVA, 2009).

Para Alfonso Hinojosa Gordonava (2009), as migrações andinas são permeadas por uma tradição que compreende a mobilidade como uma forma integrada à forma cultural como os povos andinos interpretam as noções de tempo e espaço, na qual o meio ambiente e os ciclos da natureza permeiam os condicionantes dos deslocamentos dos povos andinos. Assim, essa percepção de espaço e tempo pode ser encontrada nos mitos teatralizados pelas danças e pela religiosidade dos bolivianos nas festas de devoção à Virgem de Copacabana e à Virgem de Urcupiña, na cidade de São Paulo, espaço em que essas tradições são revividas pelos imigrantes bolivianos e em que esse interstício temporal é performatizado pelos imigrantes de

Oruru, La Paz, Potosí, Santa Cruz de la Sierra.

A pesquisadora Fabiana Chirino (2009) explicou que as linhas teóricas que mapeiam os processos migratórios na Bolívia partem, anteriormente, de uma matriz de explicação andina, uma vez que a imigração boliviana pode ser comparada com as linhas de estudos equatorianas, em que há uma forte movimentação interna para as capitais dos estados e destes espaços é que são construídas agências para os deslocamentos externos às fronteiras nacionais. Somado a esses argumentos, suas pesquisas destacam que os imigrantes de Santa Cruz, em sua grande maioria, seguem para países como Argentina, Estados Unidos, Espanha, Brasil e outros imigrantes circulam entre os departamentos da Bolívia. Assim, de todos os processos migratórios desencadeados no interior boliviano, é plausível apontar que, o contingente de pessoas que fazem a escolha emigrarem para o Brasil é o menor, caso seja levado em comparação a escolha por outros países e seus contextos históricos (CHIRINO, 2009).

Os argumentos expostos pela psicóloga Fabiana Chirino (2009) apontam que os sujeitos da imigração antes de atravessarem as fronteiras do Estado-nação percorrem deslocamentos internos no interior do país. Esta circulação interna entre cidades, para a pesquisadora, prepara os imigrantes para ambientações que ampliam as percepções sobre os territórios migrantes, além de tencionar noções de tempo e espaços, anteriormente estabelecidas, das

pessoas que se deslocam.

A imigração/emigração, deste modo, é compreendida como um processo que passa a existir com a saída dos sujeitos de seus espaços de origem e que se estende na concretização da viagem que os imigrantes utilizam para agenciar suas mobilidades no qual emerge o “sentimento de insatisfação ou precariedade (objetivo ou não) e expectativas de mudança e ascensão social, antecedentes migratórios na família, círculo de amigos ou de vizinhos, pressão social e posse dos recursos mínimos necessários para emigrar” (CHIRINO, 1998, p. 26, grifo da autora. Tradução da autora).

O fenômeno migratório é “multicausal e complexo” e os seus vetores estão influenciados por aspectos históricos, pessoais, culturais, econômicos e políticos. A mobilidade migratória articula projetos de vidas, trajetórias, circulações, escolhas, saberes no interior das fronteiras percorridas pelos migrantes (DIAS, 2019, p.62), e as mediações de identidades não excluem as contradições implícitas nos discursos dos sujeitos, uma vez que em diferenciados momentos percebe-se a ambivalência que permeia as narrativas diaspóricas desses sujeitos que estão fora de seus lugares de enunciação e que, no entanto, carregam consigo projetos que os identificam a um tempo e um espaço anterior à diáspora boliviana.

Observou-se, por fim, a relevância de pesquisas efetivadas por mecanismos de escuta (entrevistas) para que fossem compreendidas as circulações e as mobilidades dos deslocamentos

humanos. Oferecer-se como escuta permite a construção de pressupostos humanizados na produção de uma história oral comprometida com o campo de estudos das mobilidades e das migrações. A mobilidade alarga a concepção de imigração ao articular os mecanismos que mobilizam as vidas dos sujeitos nos entrelugares, nas táticas utilizadas pelos sujeitos ao articularem seus projetos de vida no tempo presente.

Lista de Entrevistas citadas

– **Julían Ibarra** – Entrevista cedida à Vanessa Generoso Paes, realizada em Santa Cruz de la Sierra – Bolívia, em agosto de 2010.

– **Lídia** – Entrevista cedida à Vanessa Generoso Paes, realizada em São Paulo – Brasil, em abril de 2010.

– **Jenny Caballero** – Entrevista cedida à Vanessa Generoso Paes, realizada em São Paulo – Brasil, em abril de 2010.

– **Marta Patzi** – Entrevista cedida à Vanessa Generoso Paes, realizada em São Paulo – Brasil, em de 2010.

– **Arlete Patzi** – Entrevista cedida à Vanessa Generoso Paes, realizada em São Paulo – Brasil, em julho de 2010.

– **Carlota** – Entrevista cedida à Vanessa Generoso Paes, realizada em São Paulo – Brasil, em maio de 2010.

– **Miriam** – Entrevista cedida à Vanessa Generoso Paes, realizada em São Paulo – Brasil, em agosto de 2010.

– **Em** – Entrevista cedida à Vanessa Generoso Paes, realizada em São Paulo – Brasil, em novembro de 2009.

Haidee – Entrevista cedida à Vanessa Generoso Paes, realizada em São Paulo – Brasil, em agosto de 2010.

– **Ilfredo** – Entrevista cedida à Vanessa Generoso Paes, realizada em São Paulo – Brasil, em fevereiro de 2010.

– **Afonso Hinojora Gordonava** – Entrevista cedida à Vanessa Generoso Paes, realizada em São Paulo – Brasil, em setembro de 2010.

– **Fabiana Chirino** – Entrevista cedida à Vanessa Generoso Paes, realizada em Santa Cruz de la Sierra – Bolívia, em outubro de 2010.

– **Maria**, Entrevista cedida à Vanessa Generoso Paes, realizada em Santa Cruz de la Sierra – Bolívia – em outubro de 2010.

Marcos – Entrevista cedida à Vanessa Generoso Paes, realizada em São Paulo em 2010.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, B. **Comunidade Imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BARBOSA, X. de C. **Experiências de Moradia: história oral de vida familiar**. 2009. 230 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHIRINO, F.; JÁUREGUI, M.; JORDÁN, N.;

HOLLWEG, K. **Huellas Migratorias: duelo y religión en las familias de migrantes del Plan Tres Mil de la ciudad de Santa Cruz**. Santa Cruz: Fundación PIEB, 2009.

CUSICANQUI, S. R. El Potencial Epistemológico y Teórico de La Historia Oral: De la Lógica Instrumental a la Descolonización de la Historia. In **Teoría crítica dos direitos humanos no século XXI** / Alejandro Rosillo Martínez [et al.]. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

DIAS, Gustavo. Mobilidade migratória: uma leitura crítica para além de metáforas hidráulicas. **REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.**, Brasília, v. 27, n. 57, dez. 2019, p. 61-78. Visualizado em 19 maio de 2020.

HALL, S. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

_____ Quem precisa da identidade? In. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. (Org.) SILVA, Tomaz Tadeu da. Woodward, Kathryn. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

_____ **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HINOJOSA GORDONAVA, A. R. **Buscando la Vida: familias bolivianas transnacionales en España**. La Paz: CLACSO: Fundación PIEB, 2009.

_____ **Migración Transnacional y sus efectos en Bolivia**. Las Paz: Fundación PIEB, 2009.

HOLANDA, F.; MEIHY, J. C. S. B. **História**

- Oral: como fazer como pensar.** São Paulo: Contexto, 2007.
- KLEIN, H. S. Bolívia – do período pré-incaico à independência.** São Paulo: Brasiliense, 1991.
- LESSER, J. A negociação da Identidade Nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil.** São Paulo: Editora Unesp, 2001.
- LEVITT, P. GLICK, N. S. Perspectivas internacionales sobre migración: conceptualizar la simultaneidad.** In: Migración y Desarrollo. 2004.
- MARTINS, J. de S. Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano.** São Paulo: Editora Contexto, 2009.
- MEIHY, J. C. S. B. Brasil Fora de Si: Experiências de Brasileiros em Nova York.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- _____. **Manual de História Oral.** São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- MOTA, A. et al. (Orgs.). A Bolívia no espelho do futuro.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- NOVINSKY, S. W. As Moedas Errantes – narrativas de um clã germano judaico centenário.** 2001. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- SAYAD, A. A Imigração ou os paradoxos da alteridade.** São Paulo: EDUSP, 1998. p.266
- SILVA, C. F. da. Trabalho informal e redes de subcontratação: dinâmicas urbanas da indústria de confecções em São Paulo.** Dissertação (Mestrado em Sociologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- _____. **PRECISA-SE: bolivianos na indústria de confecções em São Paulo.**
- Travessia: revista do Migrante.** São Paulo, número 63, p.5 – 11, Jan./Abr. 2009. Bolivianos.
- SILVA, S. A. Costurando Sonhos: trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos em São Paulo.** São Paulo: Paulinas, 1997.
- _____. **Virgem, Mãe, Terra: festas e tradições bolivianas na metrópole.** 2002. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- STEIMAN, Rebeca. Brasil e América do Sul: questões institucionais de fronteira.** In: <<http://acd.ufrj.br/gruporetis/pdf/REBECAlegisl atlas.pdf>>. Acesso em 06/06/2011.
- OSMAN, S. A. História Oral nas Fronteiras de Imigração e Refúgio.** In: Andre Gattaz, Jose Carlos Sebe Bon Meihy, Leandro Seawright. (Org.). **História Oral: a democracia das vozes.** 1ed.Salvador: Pontocom, 2019, v. 1, p. 301-320.
- _____. **Caminhos da Imigração Árabe em São Paulo: história oral de vida familiar.** 1998. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.
- PAES, V. G. Trânsito de Identidades e Estratégias de Negociação Familiar: deslocamentos populacionais entre a Bolívia e**

o Brasil. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

_____. Trânsitos fronteiriços: as faces contemporâneas do deslocamento populacional boliviano a partir das narrativas dos pesquisadores dos estudos migratórios. **Cadernos Ceru (USP)**, v. 23, p. 217-236, 2012.

P. C. Famílias Imigrantes em São Caetano do Sul: história oral de vida. 1996. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

PERALVA, A. **Globalização, migrações transnacionais e identidades nacionais.** São Paulo: Instituto Fernando Henrique Cardoso; Santiago do Chile: Corporación de Estudios para Latinoamérica (Cieplan), 2008. 47 p. Contribuição ao projeto: “Coesão Social em Democracia na América Latina”. Disponível em: <<http://www.ifhc.org.br/>>. Acesso em janeiro de 2020.

PÓVOA NETO, H. Território e mobilidade: barreiras físicas como dispositivos de política migratória na atualidade. In: NATAL, Jorge (org.). **Território e Planejamento.** Rio de Janeiro: Letra Capital/IPPUR, 2011. pp.123-147.

RIBEIRO, S. **Processos de Mudanças no MST: história de uma família cooperada.** 2002. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

TARRIUS, A. Leer, describir, interpretar las circulaciones migratorias: conveniencia de la noción de territorio circulatorio. Los nuevos hábitos de la identidad. **Relaciones. Estudios de historia y sociedad**, vol. XXI, núm. 83, verano, 2000. El Colegio de Michoacán, A.C Zamora, México. Acesso em 20/10/2020.

THOMSON, A. Histórias (co) movedoras: História oral e estudos de migração. In **Rev. Bras. Hist.**, 2002, vol.22, no.44, p.341-364. ISSN 0102-0188.

TRUZZI, O. Assimilação resignificada: novas interpretações de um velho conceito. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 55, n. 2, p.5 17-553, 2012. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S001152582012000200008&lng=en&nr m=iso>. Acesso em 04/08/2020.

ZAMBERLAM, J. **O processo migratório no Brasil e os desafios da mobilidade humana na globalização.** Porto Alegre: Pallotti, 2004.

NOTAS

ⁱ É professora de História vinculada ao Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Acre. Doutora e mestre em História Social pela Universidade de São Paulo e pesquisadora associada do Núcleo de Estudos em História Oral da USP. Pesquisa temas relacionados a migração, fronteira, questões vinculadas à política migratória e interseccionalidade.

ⁱⁱ SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração ou os paradoxos da alteridade.* São Paulo: EDUSP, 1998. p.266.

ⁱⁱⁱ “Comunidade de destino no seu plano físico diz respeito a situações que vinculam pessoas, clãs e grupos expostos a circunstâncias que dão unidade traumática ao destino das pessoas: calamidades, terremotos, pestes, flagelos, marcam a vivência coletiva de um grupo. A base psicológica diz respeito às experiências de cunho moral: pessoas afetadas por dramas subjetivos ou não naturais como violência, abusos, arbitrariedades, discriminação.” (HOLANDA; MEIHY, 2007, p. 51)

^{iv} SILVA, Carlos Freire. PRECISA-SE: bolivianos na indústria de confecções em São Paulo. Travessia: revista do Migrante. São Paulo, número 63, p.5 – 11, Jan./Abr. 2009.

^v Para mais detalhes consultar o artigo de STEIMAN, Rebeca. Brasil e América do Sul: questões institucionais de fronteira. In: <http://acd.ufrj.br/gruporetis/pdf/REBECAlegislatlas.pdf>. Acesso em 06/06/2020.

^{vi} Alguns trechos das entrevistas utilizadas neste tópico do artigo foram apresentados como resultados parciais no XI Encontro Nacional de História Oral na cidade do Rio de Janeiro em 2012. Disponível em 1340371778_ARQUIVO_ADiasporabolivianaparaoBrasiliemediacoesculturaiefamiliatransnacionalnomundocontemporaneo.pdf acesso em 04/11/2020.

^{vii} O conceito de comunidade é compreendido neste artigo a partir dos itinerários teóricos do intelectual pós-colonial jamaicano Stuart Hall, nos quais se entende que o “comum ou comunidades étnicas reflete precisamente o forte senso de identidade grupal que existe entre os grupos. Entretanto, isso pode ser algo perigosamente enganoso. Esse modelo é uma idealização dos relacionamentos pessoais dos povoados compostos por uma mesma classe, significando grupos homogêneos que possuem fortes laços internos de união e fronteiras bem estabelecidas que os separam do mundo exterior. As chamadas ‘minorias étnicas’ de fato têm formado comunidades culturais fortemente marcadas e mantêm costumes e práticas sociais distintas na vida cotidiana, sobretudo nos contextos familiar e doméstico” (2003, p.62). Isso não significa dizer que não haja conflito e disputas de poder no interior das relações sociais e comunitárias.

^{viii} Para mais detalhes consultar (PAES, 2011).

Recebido em: 05/11/2020.

Aprovado em: 09/12/2020.

Publicado em: 31/01/2021.